

O CORONEL PREFEITO: um retrato pela imprensa da figura de Arthur Ferreira Filho no rearranjo político no norte do Rio Grande do Sul

Gabriela Tosta Goulart*

RESUMO: O presente artigo tem o objetivo de analisar o perfil da administração de Arthur Ferreira Filho em Passo Fundo, por ser ele o último interventor pré Carta Constitucional de 1946, estabelecendo uma relação com as ideias e projetos políticos veiculados na imprensa local. O recorte caracteriza a última administração de Arthur Ferreira Filho no município, marcado por um rearranjo político no nível estadual, o que foi acompanhado por um acirrado debate na imprensa e, principalmente entre seus opositores políticos. Passo Fundo à época era um dos principais polos econômico e político do estado, sendo uma importante base eleitoral. Assim, considera-se um espaço representativo para compreender o cenário em transição neste jogo de poder local e estadual.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa; Política; Poder local; Disputa partidária.

The colonel prefect: a portrait by the press of Arthur Ferreira Filho's figure in the political rearrangement of the north of Rio Grande do Sul.

ABSTRACT: This article aims to analyze the profile of Arthur Ferreira Filho 's public management in Passo Fundo, as he was the last pre-constitutional auditor of 1946, establishing a relationship with the political ideas and projects published in the local press. The clipping characterizes the last Arthur Ferreira Filho's administration in the municipality, marked by a political rearrangement at the state level, which was accompanied by a fiercely contested debate in the press, and especially among its political opponents. Passo Fundo, at ancient was one of the main economic and political poles of the state, being an important electoral base. Like this, it's considered a representative space to understand the scenary in transition in this local and state power play.

KEYWORDS: Press; Political; Local power; Party dispute.

El coronel prefecto: un retrato por la prensa de la figura de Arthur Ferreira Filho en el reorden político en el norte de Rio Grande do Sul.

RESUMEN: El presente artículo tiene el objetivo de analizar el perfil de la administración de Arthur Ferreira Filho en Passo Fundo, por ser él último interventor pre Carta Constitucional de 1946, estableciendo una relación con las ideas y proyectos políticos transmitidos en la prensa local. El recorte caracteriza la última administración de Arthur Ferreira Filho en el municipio, marcado por un reajuste político a nivel estatal, lo que fue acompañado por un intenso debate en la prensa y, principalmente entre sus opositores políticos. Paso Fundo en la época era uno de los principales polos económico y político del estado, siendo una importante base electoral. Así, se considera un espacio representativo para comprender el escenario en transición en este juego de poder local y estatal.

PALABRAS CLAVE: Prensa; La política; Poder local; Disputa partidaria.

*Mestra em História Regional com ênfase em Política e Relações de Poder pela Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul. Atualmente é doutoranda em História Regional com ênfase em Política e Relações de Poder pela mesma Universidade. Contato: Rua XV de Novembro, 198, CEP: 99010-035, Passo Fundo - RS, Brasil. E-mail: gabi_goulart@hotmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4966-0045>.

Introdução

Em 1946, o Brasil ingressava em um período de livre associação partidária e de intensa disputa entre partidos. Este período caracterizou-se no Brasil pela rápida e crescente industrialização, e, também, pela migração do campo para a cidade na busca por suprir a mão-de-obra das indústrias. Neste período, as disputas partidárias estavam mais intensas e articuladas, resultado da ação de Getúlio Vargas ainda em 1945, quando abriu processo de eleições e aprovou a fundação de diversos partidos, entre eles, o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), PSD (Partido Social Democrático) e UDN (União Democrática Nacional).

A cisão partidária pelo desentendimento ideológico, pela análise de Berstein (1998), caracterizava-se em um dos principais fatores que originavam frequentemente, novos partidos e correntes ideológicas. Sob o prisma ideológico, Thompson (1995) percebe tal momento, como uma forma de sustentação das relações de dominação de forma que impossibilita situações dialógicas entre o respectivo produtor do fenômeno e o referido receptor. Desta forma, em uma concepção de interpelação entre as perspectivas teóricas sob o olhar de ambos os autores, a produção simbólica é “um exercício abstrato” de interpretação guiada de significado representativo, marcando passivamente os receptores. Quando a percepção abandona a passividade, as rupturas partidárias surgem como resposta ao conflito.

Nessa perspectiva, o processo de formação do poder sofre uma “restauração democrática”, gerando um conflito de classes, em que não houve a substituição desses grupos. Quando Getúlio Vargas foi expulso, “a elite política que comandava o regime deposto” se manteve e, sob a direção desta classe, “promoveram-se as primeiras eleições nacionais e a formulação da Carta Constitucional de 1946 que deixou praticamente intacto, em pontos cruciais, o arcabouço institucional do Estado Novo” (SOUZA, 1990, p. 64). A inserção da participação popular e a luta contra a centralização do poder contrariavam a restrição de formações antipartidárias ocorridas nos anos que direcionava ao liberalismo político.

É nesta sistemática política que se instituíram interventorias municipais, situações nas quais Arthur Ferreira Filho foi inserido no contexto político passofundense como interventor por 3 gestões, não sequenciais. Além de engenheiro, militar e político, Arthur Ferreira Filho também era escritor, voltado para as questões históricas do Rio Grande do Sul que vivenciou. Dentre as obras de Ferreira Filho estão: “História Geral do Rio Grande do Sul”, publicado pela editora Globo em 1958; “Revoluções e Caudilhos”, publicado pela editora Berthier, e ainda, - sem data precisa de publicação; “O decênio heróico”, publicado pela fundação

Planalto em 2001; “Revolução de 1923”, com publicação em 1973 e “Legendas do Rio Grande”, lançado em 1950, publicados pelo departamento de imprensa oficial do estado, 1973 e 1950. No livro “O decênio heróico”, comenta-se brevemente parte da história do autor na introdução. Lá, Ferreira Filho é apresentado como “escritor, sociólogo, jornalista, conferencista e historiador”.

Proveniente de São José do Norte, Ferreira Filho nasceu em 20 de setembro de 1889, falecendo em 25 de março de 1996, com quase 107 anos. Atuou como delegado de polícia e juiz municipal, prefeito em Bom Jesus, Passo Fundo – por três vezes – e São Leopoldo. Chefiou a secretaria de agricultura, dirigiu a biblioteca pública, assessorou Walter Perachi Barcellos no governo do estado, além de ter sido nomeado como tenente-coronel na revolução de 1923. Pelas palavras da editora que publicou tal livro, Ferreira Filho era “altivo”, “culto” e “gaúcho de origem”, também reconhecido como uma “autoridade” para os relatos históricos que publicou ao longo de sua história.

Tendo por base a sistemática vigente anteriormente à Carta Constitucional, Arthur Ferreira Filho foi o último interventor em Passo Fundo, no norte do Rio Grande do Sul, pré Carta Constitucional, posição na qual esteve três vezes em Passo Fundo, fator que o levou ao destaque de citações na imprensa local. O interventor era visto como um “instrumento-chave” na ambição do governo central de manter suas prerrogativas. Souza (1990) percebe nesta estrutura uma forma do poder oligárquico que se efetivou novamente, principalmente resultando na formação do PSD, partido ao qual Ferreira Filho veio a integrar-se, posteriormente.

Durante todo este processo de transição, a imprensa sustentou os grupos político-partidários brasileiros, utilizando-se de discursos propagandísticos, muito mais do que de discursos informativos, para manutenção do poder de tais sujeitos. Este fator justifica o uso dos jornais *O Nacional*¹ e o *Diário da Manhã*², os periódicos mais representativos do período. Na perspectiva de Rudiger (1993), há um “caráter político” da imprensa, que ingressa tenuamente na linha de “políticas noticiosas”, o que caracterizaria as respectivas relações de poder que transpassam legitimamente da elite para a coletividade.

O sistema político é responsável por influenciar a configuração de novos grupos sociais, o que, segundo Souza (1990), ocorre em função de questões socioeconômicas que acabam por caracterizar o posicionamento no poder, função esta, denominada de “autonomia do nível político”. Determinadas funções de poder são monopolizadas pelo Estado, o que “é

um dos principais, se não o principal fator determinante das características do sistema partidário” (SOUZA, 1990, p.46).

Na política, Nicolau de Araújo Vergueiro, juntamente com alguns aliados, foi um dos principais nomes da política local até meados de 1950, seu legado foi marcado principalmente pela participação ativa para a fundação do PSD, no Rio Grande do Sul. O candidato apoiado por Vergueiro na política passofundense era Arthur Ferreira Filho, Prefeito de Passo Fundo por três gestões não sequenciais, herdeiro das críticas ferrenhas que anteriormente o jornal *O Nacional* dedicava a Vergueiro. Arthur Ferreira Filho era citado pelo jornal como coronel-prefeito, ou ex-coronel-prefeito, dependendo se estava (ou não) a exercer o cargo. O jornal desenvolveu inclusive, ilustrações com legendas que adotavam impreterivelmente o sarcasmo, nomeadas “Uma por dia”, nas críticas às viagens, às festas e aos gastos do dinheiro da intendência com situações particulares.

Neste período, também, Múcio de Castro, proprietário do jornal *O Nacional*, dedicou críticas imbuídas de sarcasmo ao PSD e seus candidatos. *O Nacional* foi fundado em 1925, pelas mãos de Herculano Araújo Annes, primo de Nicolau Vergueiro, aliado político de Ferreira Filho, e migrou para as mãos de Múcio de Castro mais ou menos uma década depois. Em sua essência não possuía vínculo partidário declarado, mas reservava-se no direito de emitir suas opiniões políticas geralmente favoráveis aos ideais propagados pelo Partido Trabalhista Brasileiro até meados de 1958. Por outro lado, o PSD tentava manter sua posição de liderança com Arthur Ferreira Filho transitando de sua destacada posição de Intendente em Passo Fundo por três mandatos por nomeação, para o cenário estadual e, ainda, com Túlio Fontoura que era proprietário do Jornal *Diário da Manhã* e obstinado defensor de Ferreira Filho. O *Diário da Manhã*, fundado de 1935 por Túlio Fontoura, foi oficialmente apoiado por Nicolau Araújo Vergueiro e não escondia a preferência pelo Partido Social Democrático. Em Passo Fundo, estas questões ligadas ao uso político da imprensa ganharam mais relevância ao considerarmos o fato de que os donos de jornais eram ativos politicamente no município.

Neste âmbito, formou-se o valor simbólico estimado pelo prestígio do produtor, o qual Thompson (1995) percebe geralmente como consciente no limiar deste processo a construção simbólica. A imprensa também foi entendida como um instrumento simbólico de poder funcionando como uma porta voz da elite política ou dos ideais destes. Em essência, ele existe como meio de comunicação, como forma de expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos e aspirações para o mundo.

Tendo como base estes fatores, a seleção dos dados para composição deste artigo partiu de uma análise nos jornais *Diário da Manhã* e *O Nacional*, seguindo para o tabelamento de quantas vezes o nome de Ferreira Filho apareceu em temas relativos à política, fosse por sua atuação destacada ou pelas críticas direcionadas à personalidade política. Por fim, analisou-se o impacto das ações pela perspectiva da imprensa apoiadora e opositora.

A política partidária em Passo Fundo

Com a efervescência pluripartidária, Passo Fundo também entrou neste sistema de reorganização de suas forças políticas, mas protagonizando “fatos singulares, alguns de ampla repercussão, tornando o espectro político local diferenciado das demais instâncias de representação” (BENVEGNÚ, 2007, p. 279). Os partidos mais proeminentes na região foram PTB, PSD e UDN. Os dois últimos aliaram-se de forma que se direcionaram duas “correntes distintas” com relação a seus líderes estaduais. Em 1945, as lideranças passofundenses estavam alinhadas da seguinte maneira:

Quando iniciou a reorganização partidária em 1945, a prefeitura de Passo Fundo estava a cargo de Arthur Ferreira Filho, nomeado pelo então interventor federal no Rio Grande do Sul, Ernesto Dornelles, primo de Getúlio Vargas. De origem republicana, viria compor com o correligionário e tradicional expressão política regional, o médico Nicolau de Araújo Vergueiro que já fora eleito intendente municipal em 1920 e 1928, em meados desse mesmo ano, o PSD local. Abrigou também em suas fileiras, inicialmente, o advogado Antônio Bittencourt de Azambuja, liderança não menos expressiva do Partido Libertador. Essas forças políticas formaram uma corrente de oposição às lideranças estaduais. Borges de Medeiros do PRR foi para a UDN e Raul Pilla reorganizou o Partido Libertador. Houve também a adesão do *vergueirista* Túlio Fontoura, proprietário do *Diário da Manhã*, órgão de imprensa local que se constituiu no porta-voz do partido durante quase todo o período de sua vigência. Outros nomes integraram essa composição inicial, como, por exemplo, João Andrade, chefe do Posto do Ministério do Trabalho, os advogados Daniel Dipp e Celso da Cunha Fiori, que mais tarde formaram o PTB, assim como Odalgiro Corrêa do PRL e Antônio Knoll, o primeiro elegendo-se deputado estadual pela sigla em 1950 e o segundo, presidente do PSD em sua fase final, ambos também advogados (BENVEGNÚ, 2007, p. 279).

O PSD teve em sua formação, proeminentes nomes da política local que ascenderam politicamente antes de 1945, no entanto, o conflito ideológico e a disputa por poder levou o partido a frequentes rupturas e dissidências. Já a UDN, possuía vínculos maiores com o Estado, sendo localmente representada por Victor Graeff “que já estivera à frente do Executivo Municipal entre 1941 e 1944 e na Assembléia Legislativa Estadual foi o expoente máximo do partido nas legislaturas de 1947, 1950 e 1954” (BENVEGNÚ, 2007, p. 280-291).

No PRL, as figuras de representação partidária não foram tão proeminentes em nível local e menos ainda no estadual ou federal. Em suas fileiras estavam Aristóteles Lima, José Júlio Mendes, Cel. Antônio Gomes Jacques, tte. Basílio Bicca, Frederico Graeff Filho e Modesto Silva. Já o PTB teve sua ascensão após a queda de Getúlio Vargas em 1945, quando integrantes queremistas, dissidentes do PSD e sindicalistas uniram-se à “velha guarda” passofundense para sua formação.

Entre as lideranças mais proeminentes do PTB estavam Urbano e César Ribas (caixeiros-viajantes), Guilherme Knack e Antônio Nunes Figueiredo (sindicalistas), Waldir Cecconi (bancário), Maturino Rabelo (comerciante), Paulo Totti, João Freitas, Arthur Canfield, Augusto Trein, Romeu Martinelli, Mário Menegaz, Benoni Rosado, Rodolfo Rodrigues de Lara, Aquelino Translatti, Wilson Garay, Theomiro Branco, Wolmar Salton, Meireles Duarte e Ernesto Scortegagna.

Quando o PTB foi criado em Passo Fundo, em 1945, possuía uma precária base de sustentação, sem solidez de liderança, o que diferenciava o PSD com Arthur Ferreira Filho como presidente, que possuía vínculos estaduais e com figuras locais já direcionadas ao poder como Nicolau Vergueiro, “detentor de uma base eleitoral regional consolidada há vários anos, através de sucessivas vitórias pela sigla do PRR” (BENVEGNÚ, 2007, p. 285). Este cenário mudou completamente com a ascensão de César Santos a deputado estadual em 1947, impactando inclusive no resultado das eleições locais neste mesmo ano.

A historiadora Benvegnú (2007) destaca também outros dois integrantes na formação petebista que foram de extrema importância, Celso Fiori que compôs este grupo inicial do PTB, mas retornou ao PSD posteriormente e Múcio de Castro do jornal *O Nacional*, que veio a integrar o grupo um pouco depois se elegendando, inclusive, deputado estadual em 1954 pelo PTB. No PSD, enquanto Vergueiro perdia espaço nas fileiras estaduais, Arthur Ferreira Filho era remanejado pelo partido para São Leopoldo e Bittencourt Azambuja tomava frente com os dissidentes.

Os libertadores passofundenses, segundo a autora, também se reuniram para reformatar a sigla do PL. Aderiram ao partido:

Antônio Carlos Menna Barreto, Gomercindo dos Reis, Inocência Schleder, Alberto Berthier de Almeida, Francisco Salles, João Annes Filho, João Vargas Bilhar, André Phitam, Antenor Almeida, Moacir Trein, Adolfo Schell Loureiro, Marcelo Lima Galvez, Arthur Borowski, Francisco L. Morch, Pompílio Pereira dos Santos, Ernesto Busato, Constantino Pelegrini, João Pereira Bilhar, Alberto Diehl, José Carlos de Souza, Francisco Claro da Silva, João Cony, Arlindo Luiz Osório e Emílio da Silva Quadros, nomes que participaram do Diretório Municipal. Embora perdendo

consistentes lideranças para as novas agremiações políticas nascentes e não apresentando a mesma pujança que o caracterizou durante a República Velha, foi um partido que se manteve ativo durante o período democrático, compondo alianças com partidos de oposição ao PTB. Bittencourt Azambuja e João Carlos Waihrich, por exemplo, foram para o PSD e Aristóteles Lima para a UDN (BENVEGNÚ, 2007, p. 282).

Adotando a estratégia de alianças políticas, o PCB também fez parte do cenário político passofundense representado por João Roma, Emílio Camargo, Euclides Moreira, João Mendes de Oliveira, Eduardo Barreiro, Edilson Scobar Yupen, Hugo Lisboa, Dario Luiz da Silva e Emiliano Aureliano Camargo. Ao contrário da aliança nacional que ocorria tradicionalmente com PTB, em Passo Fundo o PCB vinculou-se a Dionísio Lângaro do PSD nas eleições de 1947, fator que favoreceu, segundo a autora, a vitória de Armando Annes pelo PTB, tendo em vista o clima anticomunista do período. Além do PCB, o PRP também vinculou-se ao mesmo sistema estratégico de alianças.

Nomes como Luiz Gonzaga Ferreira, Nascimento Rocha, Antônio Giavarina, Erwin Crussius, Polidoro Fontoura, Polidoro Albuquerque e Willy Nenhaus, compuseram o quadro de políticos vinculados ao PRP. Na análise de Benvegnú (2007), o PRP é visto como um partido de fraca atuação e de baixa representatividade, utilizando como estratégia a aliança com o PTB, apesar de opor-se ao trabalhismo em muitos momentos. Já o PSP era guiado em Passo Fundo por José de Maman, que contava com Múcio de Castro como candidato em sua legenda antes deste aderir ao PTB.

Nas eleições de 1947, quando Armando Annes saiu na frente pelo PTB, sendo eleito prefeito municipal e Daniel Dipp como seu Vice, aliados PTB-UDN, uma chapa improvável e impensável em nível nacional, a oligarquia local sofreu uma ruptura. Esta aliança, era defendida por Armando Annes como uma “candidatura popular” que o fez ser visto como um homem “apolítico e apartidário”. Tal escolha trouxe verdadeira abominação dos integrantes do PSD, travando intensas batalhas ideológicas nos jornais locais.

Ferreira Filho era favorável ao apoio do PSD à candidatura de Armando Annes e foi com essa finalidade que veio a Passo Fundo situando-se como “uma cabeça de ponta”, na tentativa dessa possibilidade que chegou até a surgir. Denominado de “histórico acordo”, o encontro entre Vergueiro (PSD), Cesar Santos (PTB) e Júlio Mendes pela UDN, inviabilizado pela intransigência das partes, não se efetivou. Mesmo sem o apoio formal dos partidos de oposição, a candidatura de Armando Annes, pela expressividade que representava, recebeu a adesão de grupos ‘de todos os credos políticos e religiosos’, [...] ‘que, acima de questões partidárias’, viam em sua figura, ‘um homem experiente, de comprovada capacidade e indiscutível probidade’. O PSD lançou a candidatura do madeireiro Dionísio Lângaro e de Elpídio Fialho para a prefeitura e vice-prefeitura, este último, liderança expressiva do PSD da localidade de Marau. O PRP e o PL se uniram na denominada

“Coligação Democrática Cristã” contando com o apoio de uma dissidência do PSD na liderança de Bittencourt Azambuja e Mauro Machado; outra do PTB liderada pelo capitão Telmo Azambuja e pelo clero, tendo por candidato o jurista Carlos Galves, portanto já em oposição formada (BENVEGNÚ, 2007, p. 288).

Mesmo a contragosto de Ferreira Filho, a oposição inesperada do PSD a Armando Annes, “transformou Passo Fundo numa verdadeira ‘praça de guerra’” (BENVEGNÚ, 2007, p.287). O principal adversário político de Armando Annes na década de 1920, Nicolau Vergueiro, retornava efervescente para retomar seu velho hábito de ataques pessoais utilizando o *Diário da Manhã* como um “porta voz” de seu desgosto. Por outro lado, Armando Annes tinha à sua disposição *O Nacional* para rebater e até mesmo contra-atacar de uma forma mais sutil o seu opositor. Prova de que os eleitores dividiram-se pelo reflexo desta disputa pessoal, foi o resultado das eleições: O PTB venceu por apenas 166 votos de diferença. Passo Fundo foi na verdade um reflexo da força representativa eleitoral que o PTB ganhava no cenário nacional.

Imprensa e política: o elo de ideias e poderes

Segundo Thompson (1998, p. 19), o papel da imprensa “têm uma dimensão simbólica irreduzível” pois, embora não possua a mesma significância para quem emite e quem recebe, é significativo para ambos. Este autor percebe que a imprensa e seu processo de comunicação também exprime um contexto social, fator que incide diretamente no impacto da mensagem ao público. Sendo assim “se comunicação é uma forma de ação, a análise da comunicação deve se basear, pelo menos em parte, na análise da ação e na consideração do seu caráter contextualizado” (THOMPSON, 1998, p. 20).

Thompson liga a posição do indivíduo pertencente à instituição, ao poder que ele representa para seu grupo. Desta forma, o autor classifica o primeiro poder como econômico, mas como nem todos os sujeitos pertencentes à elite aqui estudada são tão subsistentes economicamente a ponto de ter este poder como um recurso que interpela posição, seu uso, não se enquadra. O segundo poder é o político, mas a perspectiva de seu uso é direcionada pelo autor como um atributo de autoridade do estado e como este papel não abrange a elite analisada pertencente à imprensa, não abordaremos esta diretriz. O poder coercitivo seria o terceiro, mas na definição do autor está historicamente ligado às instituições militares, o que não engaja nos perfis estudados aqui. O quarto poder citado por Thompson é o “cultural ou simbólico” que abrange melhor as situações na análise trabalhada.

Esse último poder está ligado às “ações simbólicas” que “podem provocar reações, liderar respostas de determinado teor, sugerir caminhos e decisões, induzir a crer e a descrever, apoiar os negócios do estado ou sublevar as massas em revolta coletiva” (Thompson, 1998, p. 25). Nesta diretriz de interpretação, o sujeito volta a ser ator dos acontecimentos e a imprensa o seu meio de transmissão simbólica, pois permite “alto grau de fixação” ao público destinado.

Estes recursos de transmissão, como a imprensa, permitem a abrangência de um elevado número de destinatários, mas, que nem sempre, são passivos. Prova disto pode-se considerar o bate e rebate da imprensa de Passo Fundo, *O Nacional* e *Diário da Manhã*, cada um com seu ponto de vista e sua ideologia pronta para fuzilar o adversário a cada edição permitindo “um reservatório de formas simbólicas mediadas”, orientadas conforme o contexto dos indivíduos que as emitem e recebem, permitindo um “caráter dialógico”. Neste viés, “os indivíduos são constantemente chamados a reconciliar, ou simplesmente a manter em difícil equilíbrio, mensagens que conflitam umas com as outras ou com os valores e crenças enraizadas nas práticas rotineiras da vida cotidiana” (THOMPSON, 1998, p. 158).

Nesse contexto, a imprensa atraía os intelectuais para tornarem-se ativos na “exposição pública” e para participarem de forma direta na política. Nesta situação, esse modelo de mídia seria o meio para legitimidade da expressão destes intelectuais “para divulgar suas ideias, projetos de construção e consolidação da nação e modelos de desenvolvimento”, agindo ainda como um meio de sociabilidade para esta elite intelectual e política. Abreu (1996) percebe a imprensa no mesmo papel de sociabilidade que os cafés locais, pois permitiam encontros, manifestações e rivalidades que afrontava diferentes gerações.

São as possibilidades da legitimidade de expressão destes intelectuais na imprensa que, segundo Thompson (1995), tornam necessárias as análises contextuais dos indivíduos e da mídia utilizada. Conhecer o emissor da mensagem e o meio de transmissão é uma forma de viabilizar a compreensão deste processo de formação e expressão ideológica.

O jornal *O Nacional* de 1947 possuía a média de 4 páginas por edição, nomeava-se como “Diário Independente” e era dirigido por Múcio de Castro. Suas diretrizes marcavam inicialmente preferência pelo PTB, tendo em vista o cunho ideológico de seu proprietário. O ano de 1946 representava o 21º ano de *O Nacional* em circulação. As manchetes, normalmente internacionais, sobrepunham o espaço para o título do jornal. Propagandas, editoriais e matérias diversas mesclavam-se em sua primeira página; a segunda página trazia

propagandas, agenda de cinema e curiosidades; na sequência, a terceira página continha a seção “Notas e Comentários”, além de anúncios e curiosidades e na última página, coluna social, anúncios e notícias diversas, muitas vezes complementares à primeira página.

O espaço “Tiro ao Alvo”, contido na seção “Notas e Comentários” da terceira página, era o local destinado para opiniões sobre política, fosse ela local ou não, era ali que se localizavam os apoios ou as críticas às elites selecionadas para este estudo. As matérias possuíam um cunho noticioso ou apenas de informação, mas a clareza opinativa não era apresentada nas notícias. A parte eminente na emissão de opinião provinha da seção “Tiro ao Alvo” ou de publicações a pedido. Outra forma de fazer-se expressar era utilizando-se do humor, através da ilustração legendada “Uma por dia”, na qual satirizavam-se qualquer situação ou atitude que viesse contra as diretrizes do jornal.

A principal figura satirizada foi Arthur Ferreira Filho, tratado como o ex-coronel prefeito. No entanto, Ferreira Filho não foi o único, entre os mais estimados para sarcasmos estavam figuras como Nicolau Vergueiro e Dionísio Lângaro. Sobre Arthur Ferreira Filho pesavam as críticas por suas nomeações à intendente, pelos gastos exorbitantes com o dinheiro público e por sua influência provinda de amizades bem colocadas no cenário político. Nicolau Vergueiro³ era abordado no humor por pertencer à velha guarda, por sua posição ortodoxa, “quase coronelícia” no PSD, enquanto as políticas sociais e as mudanças no modelo de gestão, bastante abordadas e defendidas por Múcio de Castro, passavam longe das hostes do PSD local.

Em 1946, o jornal concorrente, o *Diário da Manhã* estava sob a direção de seu proprietário Túlio Fontoura, com edições médias de 4 ou 6 páginas e ingressava em seu 11º ano de publicação. A estratégia da manchete, de preferência internacional, também se repetia no *Diário*, que se posicionava acima do cabeçalho. Notícias internacionais e nacionais eram as prioritárias na primeira página, juntamente com os anúncios. A página 2 continha crônicas, anúncios e informações diversas; as páginas 3, 4 e 5 eram compostas por matérias e anúncios; já a sexta página, voltava-se para a política, fosse ela nacional ou local, intitulada “O dia político”. Quando se tratava de edições de 4 páginas, a quarta era reservada às questões políticas.

O partido convencionalmente defendido por Túlio Fontoura era o PSD, mas abria exceções para apoiar o amigo César Santos em períodos eleitorais ou mesmo em situações de conflito como se demonstrou na ruptura com a ala rebelde e ainda nas situações expostas da Sociedade Pró-Universidade. Entre os apoiados também estavam Arthur Ferreira Filho e

Dionísio Lângaro. Ferreira Filho, ao contrário do que ocorria no *O Nacional*, era parabenizado por seguir à risca as orientações partidárias, correspondendo fielmente às expectativas do PSD. Questões administrativas da gestão de Ferreira Filho não eram levadas em conta, exceto pela prestação de contas emitida anualmente pelos prefeitos em vigência de gestão.

As figuras que mais se destacaram no *Diário da Manhã* representavam a parte ortodoxa da política, fossem eles ligados ao PSD ou mesmo ao PTB, como no caso de César Santos. O que Túlio Fontoura do *Diário da Manhã* representava em suas páginas na questão política era, em geral, o oposto à visão de Múcio de Castro em *O Nacional*. Transparecia proceder de desafeto pessoal, no qual um acabava por contrapor qualquer enfoque ideológico divulgado pelo adversário. Para o autor, a prática guiada pela instituição a qual o sujeito é pertencente, pode encontrar sua resposta na formação de uma identidade coletiva:

[...] A identidade coletiva é o sentido que cada um tem de si mesmo como membro de um grupo social ou coletividade; é um sentido de pertença, de ser parte de um grupo social que tem uma história e um destino coletivo. [...] O processo de formação de identidade nunca pode começar do nada; sempre se constrói sobre um conjunto de material simbólico preexistente que constitui a fonte da identidade. Mas pode muito bem acontecer que, com o desenvolvimento dos meios de comunicação, a natureza deste conjunto de material simbólico preexistente tenha se alterado significativamente, e isso possa ter implicações no processo de formação da identidade [...] (THOMPSON, 1998, p. 165).

A imprensa era percebida como uma forma de exercer poder e autoridade, mas tal exposição também permitia certa vulnerabilidade. Exemplo disso é a proporção de matérias citando Arthur Ferreira Filho na imprensa local *O Nacional* (ON) e *Diário da Manhã* (DM). Das 5049 edições analisadas de *O Nacional*, Ferreira Filho foi citado 94 vezes, totalizando 54% de representatividade negativa. Já nas 4079 edições analisadas do *Diário da Manhã*, atingiu o marco de 46% de citações positivas.

Enquanto o *Diário da Manhã*⁴ anunciava a repercussão que teve em Pelotas a notícia de que Ferreira Filho seria nomeado prefeito de São Leopoldo, em *O Nacional*⁵ imbuíam-se de sarcasmo para tratar da administração do coronel no novo município. Um mês após a notícia, *O Nacional* retomou na seção “Notas e Comentários” sua atenta observação sobre os atos do coronel que se repetiam, segundo os mesmos, como ocorreu em Passo Fundo: “Quem anda lá por São Leopoldo ou Porto Alegre assiste *in loco* a faceirice do coronel, indo e vindo da capital, usando e abusando do automóvel da prefeitura” e completaram o comparativo lembrando como ficou o 914 da prefeitura Passo-fundense: “Isso, porém, não é surpresa

para nós. Aqui em Passo Fundo o coronel usou de tal forma o '914', que o transformou no mais sacrificado veículo da história administrativo político destas paragens...”⁶.

Não há citações de contestação por parte de Túlio Fontoura quanto às solicitações do PSD, tanto no que se pedia para publicar quanto em sua carreira como político, fato percebido quando Fontoura abriu mão de exercer a função de vereador eleito em 1947 para assumir o cargo de Diretor de Ensino Municipal conforme pedido de Ferreira Filho.

A posição do jornal *Diário da Manhã* e do jornal *O Nacional* é explicitada na seleção e na forma de expor as matérias em cada página dos referidos impressos. Ambas podem ser amplamente justificadas em suas hostes partidárias, mas também podem ser fatalmente direcionadas pela sua rede de relações, contida no campo de inserção ideológica compartilhada pelos seus editores.

Arthur Ferreira Filho: um retrato pela imprensa

A história de Arthur Ferreira Filho em Passo Fundo começou em 1937, no período do Estado Novo e reincidiu como nomeado em 28 de outubro de 1944 até 21 de novembro de 1945 e, por fim, de 19 de fevereiro de 1946 a 03 de fevereiro de 1947. Ficou popularmente conhecido em Passo Fundo como coronel prefeito e foi alvo de críticas ferrenhas do jornal *O Nacional* (Figura 1):

Figura 1: crítica no Jornal *O Nacional*.



Fonte: *O Nacional* 02 de janeiro de 1947⁷.

Outro crítico das gestões do coronel prefeito foi Gomercindo dos Reis. Exemplo do referido está no livro intitulado “Defendendo a Verdade” que questiona e critica a administração de Ferreira Filho em Passo Fundo no período do Estado Novo. No preâmbulo do livro, o autor Gomercindo dos Reis, declara que suas motivações são baseadas nas análises dos relatórios administrativos apresentados anualmente na imprensa local, mas sua decisão foi motivada especialmente pela constante solicitação de amigos ligados ao Movimento de Reação Popular e, segundo Gomercindo, tinha como objetivo maior agir em prol dos interesses do povo.

A gestão de Ferreira Filho era nominada por Gomercindo dos Reis como “Bambochata administrativa”, além de corrupta e ditatorial, lesando moralmente a política Passo-fundense. Não é uma obra de “valor literário”, mas um livro moralizador que relata a “luta do bem contra o mal”, de acordo com Reis (1947, p.4). A ilustração que antecede os capítulos do livro retrata uma ceia repleta de “adetos da Ditadura getuliana” que, conforme o autor, denuncia os políticos que “regalavam-se em fartos banquetórios, para que não houvessem homens fracos num governo forte”. A crítica provinha das constantes festas proporcionadas por Arthur Ferreira Filho que, segundo Gomercindo dos Reis e *O Nacional*, eram pagas com o dinheiro público, e caracterizavam o retrato da farra.

O vínculo de Arthur Ferreira Filho com Passo Fundo nasceu em 1937, quando o coronel prefeito foi designado para tornar-se interventor da cidade, sob a guarda de Valzomiro Dutra e Getúlio Vargas, “que eram os mandões daquela época risonha...”, conforme os relatos de Gomercindo. A intervenção no estado estava sendo direcionada de forma temporária, a nomeação de um prefeito definitivo estava prevista para o prazo de no máximo sessenta dias, mas não foi o que aconteceu em Passo Fundo.

Ferreira Filho, com os seus primeiros atos, os mais descabidos, percebeu que estava sendo combatido pelo povo e resolveu criar o Conselho Consultivo que, dentro de duas semanas, ficou célebre na cidade... Procurando suavizar a sua precária situação, não relutou em aplicar os golpes políticos. Para uns, prometia empregos rendosos e prestava favores, dando, assim, maus exemplos e corrompendo o caráter do brasileiro: para outros, oferecia o cargo de prefeito em determinada época... Foram esses os meios mais hábeis que s. s. empregou para aplacar os ânimos e continuar na Prefeitura. Para fazer parte do Conselho Consultivo, convidou os seguintes senhores: Arthur Lângaro, Inocencio Schleder, Dorval Miranda, Helio Morsch, Dr. Verdi de Cesaro, Adão Kern, Aristoteles Lima, Marcio de Lemos Braga e Tulio Fontoura (REIS, 1947, p. 4-5).

Dentre as questões mais criticadas do governo de Arthur Ferreira Filho estão o arrendamento do matadouro público, na qual Bittencourt Azambuja fora vencedor; na

concorrência e a arborização da Av. General Neto, que além de onerosas, eram inadequadas no projeto de paisagismo gerando perda de 114 mudas, na tentativa de alteração e construção de nova sede para a prefeitura, desnecessária, pois a atual estava muito bem localizada; na ampliação do espaço de lazer da Escola Protásio Alves, realizada de forma equivocada; a usina hidrelétrica negligenciada; o problema da luz elétrica e da falta de água; a displicência na construção do mercado público; o empréstimo visado para cumprir o plano quinquenal do município; as estradas, pontes e pontilhões construídos em madeira; e, ainda, o descaso com a dívida pública ativa. As tentativas de denunciar tais atos, considerados falhos pela oposição, à imprensa local era indiretamente vetada pelo delegado local, que nominava seu veto como “sugestão de amigo”, mas ignorá-lo poderia ser motivo para ser punido por desacato à autoridade.

As crônicas de Gomercindo dos Reis sobre Ferreira Filho não se limitavam ao cunho político, adentravam o campo pessoal, muito bem retratada em “O Bem-Te-Vi e o Cascavel” que relata um passeio ao campo do coronel e um caboclo que lhe mostrava as terras. No passeio, o coronel distrai-se com o canto estridente de um Bem-Te-Vi e cai na mira de uma cascavel, pela qual acabou picado. O caboclo, hábil no socorro, auxilia o coronel e volta até a cobra para finalizá-la, mas para a surpresa deste, o bicho estava morto. Sobre este ocorrido, Reis (1947, p. 21) comenta que assim como o coronel não morreu pelo veneno, também não morreria de acidentes e alegou ter comprovado sua teoria quando, “no dia 13 de agosto de 1946, o automóvel 914 caiu num abismo, perto de Vila Maria, dando cinco cambalhotas, tendo o coronel saído ileso, sorridente, de óculos nos olhos e charuto havana na boca...”. Esta crônica também foi publicada n’*O Nacional* em 18 de abril de 1946, tal qual está no livro e ainda rendeu um poema rimado.

O réptil e o “Homem”...
O ex-prefeito Arthur Ferreira
É “escritor” e “Coronel”,
De verdade ou brincadeira?

Como nunca fui cruel
E não desejo magoá-lo,
Conto só o que aconteceu:

Uma cobra cascavel
Numa perna lhe mordeu;
Porém, em vez de matá-lo,
A cascavel foi que morreu!...
(REIS, 1947, p.22)

Os “banquetórios e churrasqueadas” do coronel prefeito também renderam uma crônica sob o mesmo título, regados a bebidas nobres como vinhos e champanhe à custa do dinheiro público, contrariando o que dizia a folha da situação *Diário da Manhã*, que declarava “sábria” e “honesta” a administração de Ferreira Filho, conforme os escritos de Reis (1947). Amigos e correligionários eram os alvos da comemoração para justificar as “churrasqueadas”, enquanto isso, as promessas de campanha sobre obras públicas ficavam em escanteio, “era assim - de farra em farra – que vivam e pretendem viver ainda, os gozadores da ‘era getuliana’, arvorados em ‘salvadores’ da pátria, e do povo brasileiro” (REIS, 1947, p. 27).

Outra crônica direcionada à figura do coronel prefeito, tanto pessoal quanto política, foi “Prefeito de Passo Fundo e Ahasverus de Bom Jesus” (REIS, 1947, p. 28). Neste texto do opositor de Ferreira Filho, o coronel prefeito é comparado ao personagem criado por Castro Alves, um judeu maltrapilho e errante, mas de forma avessa, pois Ferreira Filho era movido com o dinheiro público e o automóvel da prefeitura. Gomercindo dos Reis nomeou sarcasticamente Ferreira Filho como “eterno viajor de eterna senda”, pois este vivia em missões pelo interior do município com o famoso carro, modelo 914, da prefeitura. Gomercindo dos Reis não criticava somente os atos omissos da administração de Ferreira Filho, as consequências de suas omissões nos anos posteriores também eram bem detalhadas pelo autor.

Um exemplo do resultado de uma das omissões foram os apagões que Passo Fundo viveu de 1942 a 1945. O que Ferreira Filho tinha com isto? Bom, de acordo com Gomercindo, ele poderia ter adquirido geradores de energia durante sua gestão em 1938, quando teve oportunidade de encabeçar o projeto e executá-lo com uma economia superior a cinquenta por cento. Pela seca rigorosa que tomava o Rio Grande do Sul no período citado, a situação estava grave para a luz e agravada ainda mais para a água. Uma chuva torrencial, que aconteceu “em 02 de junho de 1945”, salvou a região da seca e gerou piadas à custa de Ferreira Filho com sua providência de uma “Usina Celeste” de emergência, para compensar a que deixou de executar na prática. O autor relata que dentre os poucos esforços de solução que o coronel prefeito fizera foi à constituição de uma comissão que contava com Nicolau Araújo Vergueiro, Henrique Scarpellini Ghezzi e Olinto Oliveira, ambos tentavam aporte financeiro do estado para construção de uma usina no Capingui, projeto inviável em termos de custo pelo caráter emergencial ao qual se enquadrara.

A gestão do gado para o abate adquirido pela prefeitura, também foi alvo de revolta em uma crônica. A escolha de compra entre os gados de Soledade e Passo Fundo eram

procedidas de forma que inviabilizava o lucro para o município, pois o gado em Soledade era comprado na época em que o boi estava gordo em Passo Fundo, e vice-versa. A estratégia mostrava-se desgostosa para a população por inviabilização da compra para os menos abastados, pelo gado magro, o rendimento diminuía enquanto o preço aumentava. Gomercindo detectou nas ações de Ferreira Filho falhas que, segundo ele, deixava a população descontente com sua gestão, fato que acreditava prejudicar as eleições para deputado estadual que o coronel prefeito pretendia candidatar-se naquela época.

Entretanto, temos certeza absoluta de que o eleitorado da cidade, da campanha e das colônias, saberá repudiar a candidatura deste senhor, que foi péssimo administrador, tendo causado malefícios incalculáveis à nossa comuna e profundos dissabores ao nosso povo! (REIS, 1947, p. 46).

Gomercindo dos Reis destaca diversas fases da postura política de Ferreira Filho, democrata, comunista, nazifascista, ditatorial getulista exaltado e a retomada como democrata, mas seu destaque também atingiu as crenças de Ferreira Filho, conhecidamente maçom grau 33, já havia se posicionado como espírita e posteriormente católico. Mil facetas delineadas pelo autor como estratégia de conveniência. Em 1947, Ferreira Filho dividia a prefeitura com Ivo Pio Brum, no entanto, as questões administrativas ainda assim eram direcionadas com crítica à Ferreira Filho. Reconhecia-se a atuação de Pio Brum, de quem Gomercindo dos Reis declarava-se amigo, mas não se isentava Ferreira Filho vendo-o como um interveniente direto da administração deste.

Esta rejeição pessoal pode ser observada explicitamente na crônica “O falso prestígio político de Ferreira Filho”, na qual uma declaração do coronel prefeito ao jornal *Diário de Notícias* gerou uma nota de repúdio de Gomercindo relatada no livro e publicada pelo jornal *O Nacional* em 25 de abril de 1946. A nota dizia que a parcialidade da atuação política de Ferreira Filho era percebida inclusive por adversários políticos de Passo Fundo. A resposta foi bruta e direta:

Para que nossa atitude seja patenteada, não pairando, nem ao longe a menor duvida, vimos declarar, alto e bom som, que abominamos Arthur Ferreira Filho, considerando-o um péssimo administrador e mau político, bastando, para tal, relembrar suas atitudes ditatoriais doutros tempos, em que costumava prender, chamando à Delegacia de Polícia, aqueles que ousavam criticar a sua <sábia> administração! [...] Arthur Ferreira Filho não tem, aqui, nenhum prestígio político. (REIS, 1947, p. 62-63).

Os resquícios administrativos que Ferreira Filho deixou foram tão negativos para Gomerindo dos Reis e para o MRT (Movimento Renovador Trabalhista) que os mesmos vincularam-se ao PTB, ao PL e à UDN para “tentarem” recuperar o crescimento da cidade. O destaque à atuação do MRT nesta luta pode ser constatado na crônica “Movimento de Reação Popular”, na qual o autor destaca a participação do movimento na luta contra os “tubarões” e, principalmente, o apoio de Múcio de Castro no “franqueamento” das colunas de *O Nacional* com as mensagens de resistência para a população. Se pudéssemos nomear a figura de repúdio comum deste grupo, chamar-lhe-íamos de Arthur Ferreira Filho, portanto, amigos e correligionários deste sofriram os respingos desta rejeição.

O programa do movimento não restringia cor ou sexo dos seus seguidores, mas prezava a fidelidade às normas administrativas do município, sem exceção. Dentre as práticas, estavam a divulgação na imprensa das irregularidades constatadas e a punição aos corruptores políticos. O programa divulgado pelo MRT fora elaborado por Gomerindo dos Reis e Antonio Carlos Menna Barreto, baseados integralmente no cumprimento da Constituição do Rio Grande do Sul. A partir da abertura do programa do MRT, as críticas e os combates diretos através de comícios contra os tubarões tornaram-se mais frequentes contando com colaboradores do PTB e da UDN nas declarações públicas, estreitando cada vez mais a atuação e a influência do PSD em Passo Fundo.

De maneira geral, o autor destaca como grandes nomes da política passofundense, sem deter-se a partidos políticos, por exemplo: Prestes Guimarães, Gervásio Araújo Annes, Joaquim Fagundes dos Reis, Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Armando Araújo Annes, Pedro Lopes de Oliveira, Gabriel Bastos, Nicolau de Araújo Vergueiro e Inocencio Schleder. Contudo, o que Reis (1947) não compreendia era o crédito que os mandatários do Estado Novo concediam a Ferreira Filho que nem desta terra e nem prestígio político adquirira por onde passara e, ainda por cima, “o povo de Passo Fundo assistiu, a famosa <era getuliana> uma grande <farra administrativa> que há de ficar na história, servindo de vergonha às gerações vindouras” (REIS, 1947, p.91). Não era notado apenas pela falta de visão administrativa, mas também pela incapacidade de resolução de problemas corriqueiros da cidade.

Em 1946, Ferreira Filho e Cilon Rosa foram nominados como “coveiros do presidencialismo”, o ilustríssimo título se deveu à interferência na nomeação do coronel prefeito como candidato a deputado estadual pelo PSD, cargo que estava destinado ao seu amigo Odalgiro Correa. Como já esperado pelo opositor, Ferreira Filho perdeu a eleição, pois

a preferência dos eleitores estava em Odalgiro, caso contrário, o PSD não teria começado sua ruína política na região norte do Rio Grande do Sul.

Na primeira edição de 1947⁸ do Jornal *O Nacional*, o sarcasmo do “Uma por dia” voltava-se para Ferreira Filho de forma perspicaz: “- O que de <<grave>> nos reserva este 1947?...” e a singela resposta foi: “- Por exemplo: a *vitória* do nosso *querido* coronel...”. Ressalva para a marca entre setas e em itálica marcando o repúdio à figura deste político. Um poema também foi dedicado ao coronel prefeito, intitulada “O Presente (no sapato do coronel)”, assinado por Zéferino, tratava-o por ingênuo por esperar candidatura certa nas eleições locais:

Na véspera de natal,
O ingênuo do coronel,
Pôs o sapato à soleira
Pra esperar Papai Noël.

Ele esperava, na certa,
Lá estar sua candidatura,
Com o signo da vitória
Contada, certa e segura.

Mal desperta, abril a janeiro,
E... Ó! Deus, que grande amargura,
Em vez da JOIA sonhada,
Lá estava...uma rapadura.

E eis o que havia escrito
N’aquele DOCE CARTÃO:
<< É isto que te convem,
Meu travesso GURISÃO>>.

O coronel ficou triste,
Mas, depois, se consolou
E vai roendo a rapadura
Que Papai Noel deixou...⁹

Nas eleições municipais as quais se candidatou, Ferreira Filho não se elegeu em nenhuma. Seus mandatos em Passo Fundo foram todos via nomeação do chefe maior do partido e em sua maioria, a cargo de interventores estaduais que levavam em conta não somente a relação de Ferreira Filho com Getúlio Vargas, mas sim, sobretudo sua relação com Valzumiro Dutra, uma importante figura coronelícia na política estadual do Rio Grande do Sul. O que se percebe como impulsionadora da carreira de Ferreira Filho, foram os contatos com tais figuras, foram os laços estabelecidos com renomes de destaque na política estadual e nacional. Ao final de 1947 ainda era possível perceber o afastamento político de Arthur

Ferreira Filho pelas narrativas do jornal *O Nacional*, (Figura 2), diferentemente dos anos seguintes, marcados por eventuais aparições.

De acordo com *O Nacional*, (Figura 2), a interferência de Ferreira Filho na política passo fundense permanecia, mas sem tanta representatividade pois o candidato apoiado pelo coronel ex-prefeito não venceu as eleições de 1947, seu grau de influência na indicação de Dionísio Lângaro não foi o diferencial necessário para impulsionar o candidato local do PSD à prefeitura do município. Em 1951, Ferreira Filho candidatou-se a prefeito em São José do Norte, sua terra natal, situação na qual *O Nacional* não deixou passar sem fazer a sua tradicional chacota: “O saudoso coronel ex-prefeito de Passo Fundo, candidatou-se a prefeitura de São José do Norte... Ué! Será possível que aquele bravo povo esteja completamente “desnordeado”?...”¹⁰.

Figura 2: artigo no Jornal *O Nacional*.



Fonte: *O Nacional*, 13 de set de 1947.

Na visão apresentada pelo jornal *O Nacional*¹¹ aos seus leitores, o “coronel expulso” havia sido expulso da política passofundense desde as eleições de 1947 quando cessou seu período como interventor na cidade. Em 1956 o nome de Ferreira Filho volta a ser citado pelo *Diário da Manhã*, para informar que a importante “figura política na região” estava na direção da Biblioteca Pública do Estado¹², narraram sua posse¹³ e aclamaram a solenidade¹⁴ com pompa, mas de forma breve.

Os conteúdos divulgados na imprensa são, fundamentalmente, um jogo de ideias que compõem ideologias marcadas por experiências partidárias e que se constituíram ao longo da vida do sujeito. Os temas mais difundidos na imprensa por Ferreira Filho foram: Academia Passo Fundense de Letras, Desporto e Cultura, Indústrias (Parque Industrial) e Instituto Histórico. Apenas o penúltimo tema (indústrias, com 8%) estava entre os mais debatidos na mídia pelos políticos locais.

Se utilizarmos a segmentação analisando as ideias defendidas por colegas do mesmo partido, fica mais nítida a noção de força oposta na atuação de Ferreira Filho com relação à matriz partidária, principalmente no que diz respeito à influência das ideias defendidas por cada político deste grupo. Se analisarmos os nomes de maior representatividade do PSD local, Nicolau Vergueiro, Túlio Fontoura e Arthur Ferreira Filho e elencarmos os quatro temas mais recorrentes que constavam no plano de defesa do partido, teremos o destaque conforme a tabela abaixo:

Tabela 1: nomes de maior representatividade do PSD local.

Ideias	Nomes	Arthur Ferreira Filho (PSD)	Nicolau Vergueiro (PSD)	Túlio Fontoura (PSD)
Des. Urbano (obras públicas)			•	
Indústria (Parque Industrial)		•		
Instrução Pública (Alfabetização, construção de escolas, etc.)			•	•
Saúde Pública (Centro de Saúde Hospitais)			•	

Fonte: Autor

Ferreira Filho estava na contramão do que se constituiu em uma ideologia dominante, formando o que Thompson (1995) chama de “sistema simbólico”. Contudo, esta ideologia dominante não traz os sujeitos à estagnação. Em linhas gerais, o autor vê significado nestes padrões, ou na falta deles que são incorporados às formas simbólicas do sujeito, desde que com sensibilidade para discernir tais padrões.

Considerações finais

Em síntese, podemos concluir que a formação ideológica destes indivíduos pode provir, em parte, da diretriz partidária na “carreira” do indivíduo, como uma designação de trajetória que pode ser percebida na similaridade do número de ideias que compartilham e defendem.

O poder de ação destes indivíduos faz com que a imprensa forme o apoio à capacidade de constituir a sistemática de dominação e atuação. Ao compreender o discurso político nestes impressos como uma forma simbólica, percebemos a produção de sentido almejada deixando subentendida através de frases como a referida, conotando um poder subjetivo de interpretação e julgamento ao receptor das formas simbólicas do discurso divulgado.

Um fator de destaque é o de que estes sujeitos fazem parte de alguma tradição instituída em seu mundo social, ponto que acaba exposto na análise destes indivíduos ao compreendermos suas ligações e estruturas em que agregam-se ferramentas para interpretar a ideologia progressista do grupo no qual Ferreira Filho estava inserido e no qual compreendia a possibilidade de que a chave do desenvolvimento do município era a educação, industrialização e urbanização.

A questão social desta elite restringia-se à saúde pública, valores caros a elite desta época formada em escolas e universidades, nicho este, passível de assimilações ao considerar a atuação de Ferreira Filho na Academia passo fundense de letras, por exemplo.

A condensação ideológica do coronel prefeito torna-se perceptível no mecanismo da “prática política de compromisso”, o conhecimento desta relação está enraizado na prática de difusão de informação dos impressos *Diário da Manhã* e *O Nacional*.

Notas

¹ Disponível no Arquivo Histórico de Passo Fundo, na Rua Teixeira Soares, 1268, Centro, Passo Fundo/RS.

² Disponível no acervo do jornal *Diário da Manhã*, na Av. Sete de Setembro, 509, Centro, Passo Fundo/RS.

³ Este viés crítico somente foi sobreposto após o falecimento de Nicolau Vergueiro, ocorrido em 1956. Uma expressão da sobreposição está na sessão “Tiro ao Alvo”, em 03 de dez de 1958, sob o título “Restabelecendo justiça”. No espaço referido, Vergueiro era reconhecido como herdeiro político de Gervásio Lucas Annes, líder nato, ímpio e disciplinado. A queda do PSD pós-falecimento de Nicolau Vergueiro foi considerada a prova irrefutável das habilidades do ausente líder.

⁴ *Diário da Manhã*, 8 de jul de 1947, p. 2. Título: Uma por dia.

⁵ *O Nacional*, 30 e 31 de jul de 1947, p.1 Título: Uma por dia.

⁶ Título: Uma por dia. *O Nacional*, 27 de ago de 1947, p.3.

⁷ No espaço “Uma por dia” do jornal *O Nacional* pode-se encontrar citações e críticas à figura de Arthur Ferreira Filho nas edições: 03, 07, 08, 09, 11, 13, 14, 15, 17, 20, 22, 23, 24 e 31 de jan de 1947; 03, 07, 13, 17 e 22 de fev de 1947; 28 e 29 de mar de 1947; 15 de abr de 1947; 30 e 31 de jul de 1947; 10, 21 e 29 de out de 1947; 12 de nov de 1947.

⁸ Título: Uma por dia. *O Nacional*, 02 jan 1947, p.1.

⁹ Título: O presente (no sapato do coronel). *O Nacional*, 02 jan 1947, p4.

¹⁰ Título: Uma por dia. *O Nacional*, 08 de ago de 1951, p.1.

¹¹ Título: Uma por dia *O Nacional*, 09 de out de 1951, p.1..

¹² Título: Na direção da Biblioteca Pública o sr. Arthur Ferreira Filho. *Diário da Manhã*, 13 de jun de 1956, p. 6.

¹³ Título: Empossado o coronel Arthur Ferreira Filho na direção da Biblioteca Pública do Estado. *Diário da Manhã*, 15 de jun de 1956, p. 4. Título: Empossado o coronel Arthur Ferreira Filho na direção da Biblioteca Pública do Estado.

¹⁴ Título: Magnífica solenidade de posse de Arthur Ferreira Filho. na direção da Biblioteca Municipal. *Diário da Manhã*, 19 de jun de 1956, p.6. Título: Magnífica solenidade de posse de Arthur Ferreira Filho. na direção da Biblioteca Municipal.

Referências bibliográficas:

ABREU, Alzira Aves de; *et al.* *A imprensa em transição: O jornalismo brasileiro nos anos 50.* Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BENVEGNÚ, Sandra Mara. O PTB e a nova configuração do poder em Passo Fundo. In: BASTITELLA, Alessandro (Org.). *Passo Fundo, sua história.* Passo Fundo: Méritos, 2007.

_____. *Décadas de Poder: O PTB e a ação política de César Santos na Metrópole da Serra 1945-1967.* Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UPF, Passo Fundo, 2006.

BERSTEIN, Serge. *A Cultura Política.* In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. Para uma História Cultural. Lisboa: Editora Estampa, 1998.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA FILHO, Arthur. *Revoluções e Caudilhos.* Passo Fundo: Berthier, s/d. _____ . *Legendas do Rio Grande.* Porto Alegre: Departamento de Imprensa Oficial do Estado, 1950.

_____. *História Geral do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: Ed. Globo, 1958.

_____. *Revolução de 1923.* Porto Alegre: Departamento de Imprensa Oficial do Estado, 1973.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MARQUES, Ângela. *Os meios de comunicação na esfera pública: novas perspectivas para as articulações entre diferentes arenas e autores.* Líbero, n.21, p.23-26, 2008.

RUDIGER, Francisco. *Tendências do Jornalismo.* Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1993.

SOUZA, Maria do Carmo C. Campello de. *Estado e Partidos Políticos no Brasil (1930 a 1964).* São Paulo: Alfa-Omega, 1990.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995.

VARGAS, Jonas Moreira. *Entre a Paróquia e a Corte: uma análise da elite política do Rio Grande do Sul (1868-1889)*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: URGs, 2007.

Fontes documentais:

Diário da Manhã. Passo Fundo, 01/01/1947 à 30/12/1964.

O Nacional. Passo Fundo, 02/01/1947 à 30/12/1964. Diário Independente.

REIS, Gomercindo. *Defendendo a verdade*. Passo Fundo: Gráfica-Editora Passo Fundo, 1947.